

CAPÍTULO 1

EM FUGA

«abraão brochista» era a minha expressão favorita e, aos oito anos, usava-a em tom de desafio. Era uma miudinha insolente e atrevida, e, quando dizia essa expressão, tinha sempre uma mão na anca, o dedo do meio levantado e talvez a língua de fora. Se a situação fosse especialmente complicada, chamava a minha irmã mais velha, a Anita. Ela incutia medo em todos os rapazes, raparigas, mulheres, homens e cães de Central Falls, em Rhode Island. Deixou crescer as unhas para ser uma melhor lutadora. Era rija, elegante, talentosa e, bem... revoltada.

— Vou pedir à minha irmã Anita que te encha de porrada — dizia eu com confiança. Mas como ela era três anos mais velha do que eu, não estava logo disponível para me proteger.

Se a Anita era a lutadora elegante, tão amada e adorada como temida, eu não era nada disso. Era a amiga do oito ou do oitenta, competitiva mas tímida. Quando ganhava concursos de ortografia, exibia a minha estrela dourada a toda a gente que via. Era a minha forma de os lembrar de quem raios eu era.

No terceiro ano, desafiei o rapaz mais rápido da escola de Hunt Street, em Central Falls, para uma corrida no recreio. Era o fim do inverno e toda a gente apareceu. Eu tinha o meu grupo, que era sobretudo de raparigas, e ele tinha o dele, que era, bem, toda a gente. Os meus sapatos eram dois números demasiado pequenos e as meias estavam rasgadas — a parte que devia cobrir os dedos dos pés. Por isso, tirei-as e dei-as à minha amiga Rosie, que me disse:

— Acaba com ele!

Não acabei com ele. Empatámos, o que foi ótimo para mim, mas humilhante para ele. Depois disso, foi uma confusão. Todos os miúdos no pátio da escola começaram a gritar:

— Desforra! Desforra!

— Vá lá, Chris, não podes deixar aquela miúda ganhar-te!

Vi-os num grupo, a rir-se, a olhar para mim e a sussurrar:

— Não podes deixar que aquela preta te ganhe!

Quando os professores ouviram a agitação e viram os meus pés descalços, mandaram-me ficar parada num canto. Exposta à vergonha. Como se tivesse feito alguma coisa de mal. Porquê tanta acrimónia? Estava constantemente a ser vítima de *bullying*. Era mais um dos traumas que estava a viver — as minhas roupas, o meu cabelo, também a minha fome —, e a vida que tinha em casa era o grande pai deles todos. A atitude, a raiva e a competitividade eram as minhas únicas armas. O meu arsenal. E quando vos digo que precisava de todas as ferramentas desse arsenal todos os dias, não estou a exagerar.

Ao fim de cada dia de escola, tínhamos de nos pôr em fila na porta das traseiras e esperar que tocassem a campainha da saída. A professora abria a porta e toda a gente ia a correr para casa. O fim do dia deixava toda a gente entusiasmada. Toda a gente menos eu.

Sempre que possível, empurrava e dava encontrões aos meus colegas de turma, praticamente a abrir caminho para passar à frente da fila, indiferente ao facto de ficarem zangados comigo, porque, quando a campainha tocava, eu tinha de começar a correr. Tinha de fugir.

Um rapaz da minha turma que era cabo-verdiano, das ilhas de Cabo Verde, ao largo da costa da África Ocidental, era negro e português, e tão negro como eu. Mas não queria ser conotado com os afro-americanos, uma mentalidade que mais tarde vim a saber ser muito comum entre os cabo-verdianos de Central Falls. Na maioria das vezes, identificavam-se como portugueses. Matavam-nos se lhes chamássemos negros.

Por isso, o meu colega «português» e oito ou nove rapazes brancos da minha turma faziam do seu ritual diário, no fim das aulas, de me perseguirem como cães à caça de uma presa. Quando tocava a campainha, lá ia eu para a corrida, fugia, literalmente, para me salvar. Para o

bando de rapazes, tratava-se de um momento de diversão sádica. Todos os dias, a mesma loucura. O mesmo trauma. Eu a arrancar como a Wilma Rudolph ou a Flo-Jo, e eles a seguirem-me de perto.

Enquanto me perseguiram, apanhavam tudo o que encontravam na berma da estrada para me atirarem: pedras, tijolos, ramos de árvores, pilhas, pinhas e tudo o mais que os seus olhos desonestos avistassem. Mas não lhes bastava correr atrás de mim e atirar-me objetos. Os seus gritos vitriólicos eram dirigidos ao alvo do seu ódio. Atiravam-me:

— Preta feia escarumba. És tão feia, caralho. Vai-te foder!

Graças a Deus, eu era rápida. Tinha de dar o litro pela Eben Brown Lane, o caminho que fazia porque era um atalho para chegar a casa, uma estrada idílica parecida com uma cena de *The Brady Bunch*.

Às vezes, os rapazes escondiam-se atrás das casas daquela rua e eu tinha de me baixar, esquivar e entrecruzar. Estava a ser perseguida. Quando chegava a casa, chorava baba e ranho... todos os dias.

Um dia, depois de uma tempestade de inverno, a neve estava tão acumulada nas ruas que qualquer pessoa se podia esconder atrás dos montes gigantes que pareciam estar por todo o lado. Os meus sapatos tinham buracos enormes na parte de baixo, o que significava que não podia correr depressa com eles, porque me faziam doer ainda mais os pés. Por isso, nas corridas diárias pela minha vida, tirava os sapatos, levava-os nas mãos e corria descalça. Mas com montanhas de neve por todo o lado, daquela vez não consegui.

Por isso, eles apanharam-me. E quando o fizeram, seguraram-me nos braços e levaram-me ao seu líder, o rapaz de Cabo Verde. Não digo nomes porque, bem... a etnia deles é muito mais importante para contar esta história.

— Ela é feia! Preta de merda — disse ele.

O meu coração estava a bater muito depressa. Rezei em silêncio para que alguém me viesse salvar.

E as outras vozes à minha volta:

— O que vamos fazer com ela?

— Sim!

— Tu, tu, tu és feia como a merda!

— És feia!

— És feia!

— Não sei porque me estás a dizer isso — supliquei ao líder, o rapaz português. — Tu também és negro!

E quando eu disse isto, toda a gente congelou e ficou num silêncio mortal. Por uma fração de segundo, estávamos todos num filme, enquanto todos os rapazes brancos, agora calados, olhavam para o rapaz português, ansiosos por responder a qualquer coisa que ele dissesse.

— Tu também és negro — gritei, desta vez chamando-o pelo nome.

O grupo ficou em silêncio. Tudo calado.

Ele olhou e olhou e olhou de um rapaz branco para outro, assustado e a tentar encontrar uma forma de esconder a verdade do que eu acabara de dizer. O tipo de verdade que está enraizada num ódio por nós próprios que preferíamos levar para a cova. Por fim, gritou com uma raiva intensa:

— Nunca mais me chames isso, porra! Eu não sou negro! Sou português!!!

E deu-me um murro no braço, com muita força. Baixou o olhar, envergonhado por ter sido denunciado. Como se eu tivesse exposto a verdade mais feia e dolorosa.

— Desaparece-me da frente.

Depois atiraram-me para a neve e atiraram-me neve para cima. O meu braço endureceu. Estava a sofrer. Fui para casa a pé, completamente humilhada.

No dia seguinte, não queria ir para a escola. A minha mãe estava a lavar a roupa numa daquelas máquinas antigas em que era preciso passar a roupa pelo espremedor.

— O que é que se passa contigo? — perguntou ela.

— Mamã, aqueles rapazes querem matar-me! Eles perseguem-me todos os dias depois da escola.

Depois de lho ter escondido durante meses, lá acabei por lhe revelar o meu trauma diário.

— Vahla — a pronúncia sulista do meu nome —, não fujas mais desses sacanas. Estás a ouvir-me? Assim que a campainha tocar, vens A ANDAR para casa! Se eles se metem contigo, tu dá-lhes uma chinada.

«Chinada» é calão para «esfaquear». Mas se souberem como é uma agulha de croché, a minha mãe estava a ser ética. Não são nada afiadas! E deu-me uma agulha de croché e disse-me que a guardasse no bolso. Era a sua agulha azul-brilhante.

— Não voltes aqui a chorar por causa dos rapazes ou dou cabo de ti.

Estava a falar a sério. Era uma mulher com seis filhos. Não tinha tempo para ir à escola todos os dias e lutar as nossas batalhas.

Ela precisava mesmo que eu soubesse defender-me. Ainda que tivesse de me ameaçar para o fazer.

No dia seguinte, precisei de todos os ossos, músculos e células do meu corpo para me limitar a andar depois do toque da campainha. Conseguia ouvir as vozes dos rapazes atrás de mim. Conseguia sentir-lhes a raiva. O ódio. Mas pus-me a andar muito devagar. Tão devagar que mal me mexia. Os meus dedos estavam enrolados na agulha de croché azul-brilhante que tinha no bolso. As vozes tornaram-se mais altas e mais próximas. Por fim, senti um deles a agarrar-me o braço com violência, e uma raiva, uma finalidade, uma exaustão apoderou-se de mim. Sussurrei:

— Se não tirares as mãos de cima de mim, dou-te uma chinada.

Ele olhou para mim aterrorizado, a examinar o meu rosto para ver se eu estava a falar a sério. E estava. Ele largou-me e os outros foram-se embora a rir. O ritual de perseguir a rapariga negra com carapinha havia subitamente perdido o seu encanto.

Anos mais tarde, tive uma conversa com o Will Smith no cenário de *Esquadrão Suicida* que foi um momento de epifania. O Will perguntou-me:

— Viola, quem és tu?

— O que é que isso quer dizer? Eu sei quem sou — respondi com uma confiança digna de registo.

Ele voltou a perguntar:

— Não, mas quem és tu?

— O que é que isso quer dizer? — voltei a perguntar.

— Olha, eu vou ser sempre aquele rapaz de quinze anos que foi deixado pela namorada. Vou ser sempre eu. Então, quem és tu?

Quem sou eu? Fiz silêncio e, mais uma vez, aquela memória indestrutível atingiu-me. Depois disse-o sem rodeios.

— Sou a criança que na terceira classe fugia todos os dias depois da escola porque os rapazes me odiavam porque eu... não era bonita. Porque eu era... negra.

O Will olhou para mim como se me estivesse a ver pela primeira vez e limitou-se a acenar com a cabeça. A minha garganta contraiu-se e senti as lágrimas a brotar. As memórias são imortais. São infinitas e certeiras. Têm o poder de nos trazer alegria e objetividade nos momentos difíceis. Ou podem estrangular-nos. Definem-nos de uma forma que se baseia mais nas percepções dos outros do que na verdade.

Ali estava eu, uma atriz com trabalho estável, créditos na Broadway, vários prémios da indústria e a reputação de quem contribui com profissionalismo e excelência para qualquer projeto. A Oprah sabia quem eu era. No entanto, ali sentada a conversar com o Will Smith, eu ainda era a pequena e aterrorizada menina negra da terceira classe. E embora estivesse a muitos anos e muitos quilómetros de distância de Central Falls, em Rhode Island, nunca tinha parado de fugir. Os meus pés apenas tinham parado de se mexer.

Eu tinha toda a força do mundo, mas ainda não dominara a parte da coragem. Esta é a memória que me definiu. Mais do que o fazer xixi na cama, a pobreza, a fome, o abuso sexual e a violência doméstica. É uma memória poderosa porque foi a primeira vez que o meu espírito e o meu coração foram quebrados. Eu definia-me pelo medo e pela raiva daqueles rapazes. Sentia-me feia. Sentia-me indesejada, até por Deus. Queria muito integrar-me neste mundo, mas em vez disso estava a ser cuspidada como vómito. Quem eu era ofendia-os. A memória enterrou-se dentro de mim e alastrou. Não ajudava que estivesse a fugir de volta para uma casa onde não tinha proteção. Uma casa que parecia cimentar todas as coisas horríveis que aqueles rapazes diziam sobre mim.

Aos vinte e oito anos, apercebi-me do facto ardente de que o meu percurso e tudo o que estava a fazer na minha vida eram para curar aquela menina de oito anos. Aquela pequena Viola, da terceira classe, que eu sempre senti ter sido abandonada, prostrada no chão. Queria voltar atrás e gritar à eu de oito anos:

— Para de fugir!

Queria curar-lhe as feridas, o seu isolamento. Isto é, até que um terapeuta, há alguns anos, me perguntou:

— Porque está a tentar curá-la? Acho que ela foi muito forte. Sobreviveu.

Aquilo atingiu-me como uma tonelada de tijolos. Fiquei sem palavras. O quê? Nada de pobre menininha «chocolate» de Central Falls? Ela é uma sobrevivente?

Ele inclinou-se para a frente como se fosse contar-me um grande segredo ou resolver o maior obstáculo da minha existência.

— Pode abraçá-la? Pode deixá-la abraçá-la a SI? — perguntou ele. — Consegue deixá-la entusiasmada com a mulher de cinquenta e três anos em que se vai tornar? Consegue deixá-la gritar de alegria com isso?

Fiquei ali sentada de braços cruzados. Nem pensar! Fui *eu* quem conseguiu sair. Olhei para o espaço vazio ao meu lado no sofá e vi claramente o meu eu mais novo. Estava ali sentada à espera... de ser abraçada? De ser reconhecida? De ser autorizada a entrar?

Ele inclinou-se para mim, de olhos fixos em mim, duro, robusto, insistente, e disse:

— É a mulher de cinquenta e três anos que precisa de ajuda.

O silêncio foi tudo com que consegui responder.

— Aquela menina SOBREVIVEU!!!!!! — disse ele enfaticamente.

Mantive os braços cruzados. Com força.

Ele inclinou-se para trás e esperou que os braços se descruzassem. Nunca o fizeram.

A reta final para me encontrar seria permitir que aquela menina de oito anos entrasse, convidando-a ativamente para cada momento da minha existência atual para viver a alegria que ela tanto desejava, deixando-a sentir o que significa estar realmente viva. O destino é encontrar um lar para ela. Um lugar de paz onde o passado não envolva a Viola do AGORA, onde eu seja dona da minha história.

Nas minhas palestras, o título das minhas apresentações é sempre o mesmo: «A Jornada de um Herói.» Aprendi com o escritor Joseph Campbell que um herói é alguém que nasce num mundo onde não encaixa. Depois, é chamado para uma aventura que está relutante em

aceitar. Qual é a aventura? Uma transformação revolucionária do eu. O objetivo final é encontrar o elixir. A poção mágica que é a resposta para a desbloquear a ELA. Depois, ela volta «para casa», regressa a esta vida comum transformada e partilha a sua história de sobrevivência com os outros.

É assim que descrevo a minha história. Na infância, senti que a minha vocação era ser atriz. Mas não era. Era mais importante do que isso. Era maior do que os meus êxitos. Maior do que as expectativas do mundo. Era muito maior do que eu própria, muito maior do que qualquer coisa que pudesse ter imaginado. Foi uma aceitação total daquilo que Deus me fez ser. Mesmo as partes que tinham fissuras e nas quais o molde não estava bem feito. Foi a aceitação radical da minha existência, sem pedidos de desculpa. Naquele dia, no consultório do terapeuta, vi muito claramente aquela menina. Conseguia ouvi-la dizer:

— Tu és a minha casa. Deixa-me entrar.

Quando continuou a não receber um abraço, tornou-se mais fervorosa. Aquele eu mais novo estava ali sentado a dizer:

Então? Não me vais deixar entrar? Eu corri a minha parte da merda da corrida! Passei-te a porra do testemunho! Todos aqueles cabrões de merda! Foda-se! Eu sei que fui inapropriada, mas, foda-se, isso trouxe-te até aqui! Dizer àqueles rapazes para «irem à merda»?! O choro! A mijar na cama!!!

Ainda a vejo sentada, a olhar, os braços ao lado do corpo, com o seu pequeno topete e as suas calças de ganga feitas à mão. À espera...

A minha viagem foi como um filme de guerra, em que, no epílogo, a heroína está ferida e ensanguentada, traumatizada por ter testemunhado um número incontável de mortes e destruição, e tão destruída que não pode voltar a ser a mesma mulher que foi para a guerra.

Pode até ter presenciado a sua morte, mas foi de alguma forma resuscitada. Mas para fazer AQUELA jornada, tive de estar armada com a coragem de uma leoa.

Meu, preferia ter de lutar dez assaltos com o Mike Tyson a enfrentar algumas verdades interiores que têm estado adormecidas. Pelo menos com o Mike posso desistir do combate. Mas não era capaz de me afastar desta batalha interior, desta luta interior.

Naquele dia, no consultório do terapeuta, o objetivo era claro e repetitivo. Quem faz a jornada, acaba por enfrentar um batismo de fogo. É aquele momento em que está prestes a perder a vida e, como que por milagre, encontra a resposta que lhe dá sentido. E esse sentido, essa resposta, salva a pessoa.

Nas palavras de Joseph Campbell, em *The Hero with a Thousand Faces*, «o apelo à aventura significa que o destino convocou o herói. O herói, seja ele deus ou deusa, homem ou mulher, a figura de um mito ou o sonhador de um sonho, descobre e assimila os seus opostos, o seu próprio eu malsucedido, quer engolindo-o, quer sendo engolido».

Ainda vejo o meu «eu» mais novo com uma imensa clareza naquele dia fatídico no consultório do terapeuta. Ela levanta-se, em lágrimas, sobre um monte de neve. Furiosa, grita:

— Cabra!!! Eu não vou ser engolida!